

**Proto-Carismatismo no Protestantismo Brasileiro:
o caso de Miguel Vieira Ferreira e a Igreja
Evangélica Brasileira**

**Proto-Charismaticism in Brazilian Protestantism:
the case of Miguel Vieira Ferreira and the
Brazilian Evangelical Church**

*Sérgio Luis Marlow¹
Wanderley Pereira da Rosa²*

RESUMO

O presente artigo analisa a história da origem e desenvolvimento da Igreja Evangélica Brasileira (IEB) – um exemplo de Proto-Carismatismo no Protestantismo Brasileiro – fundada em 11 de setembro de 1879 por Miguel Vieira Ferreira. Tal denominação surgiu de um cisma da Igreja Presbiteriana do Brasil e teve como ponto de partida a experiência extática de conversão do dr. Miguel. Este acontecimento será analisado à luz do conceito de “sagrado selvagem” proposto pelo professor francês Roger Bastide.

PALAVRAS-CHAVE

Miguel Vieira Ferreira; Igreja Evangélica Brasileira; Protestantismo Brasileiro; Carismatismo; Sagrado Selvagem.

¹ Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista FAPES/CAPES. Vitória, Espírito Santo, Brasil.

² Doutor em Teologia pela PUC/RJ, Diretor-Geral da Faculdade Unida de Vitória onde também leciona História do Cristianismo no curso de graduação em Teologia e Democracia e Esfera Pública no Mestrado profissional em Ciências das Religiões.

ABSTRACT

This article analyzes the history of the origin and development of the Brazilian Evangelical Church (IEB) – an example of Proto-Charismatism in Brazilian Protestantism – founded on September 11, 1879 by Miguel Vieira Ferreira. This denomination arose from a schism of the Presbyterian Church of Brazil and had as its starting point the ecstatic experience of conversion of dr. Miguel. This event will be analyzed in the light of the concept of “wild sacred” proposed by the French professor Roger Bastide.

KEYWORDS

Miguel Vieira Ferreira; Brazilian Evangelical Church; Brazilian Protestantism; Charismatism; Wild Sacred.

Introdução

A história dos protestantismos, num sentido lato, tem sido marcada por duas grandes tendências: ora, pende-se para um tipo de religião discursiva, racional, altamente institucionalizada e burocrática, com uma teologia repleta de minúcias e dogmática, ora privilegia-se uma religião “do espírito”, da experiência emocional, dos sentidos, das revelações e visões como caminho preferencial para acesso a Deus. Se é verdade que essas duas tendências caminharam paralelas, também é verdade que elas se esbarraram, por vezes convergiram e se influenciaram mutuamente, numa relação tensa e dialética. Tentativas de conciliação desses dois movimentos levaram, frequentemente, a fracassos que geraram cismas constantes.

Pressupondo a raiz humanista da Reforma, com uma proposta de teologia crítica e racional, os “movimentos do espírito” surgem mais como reação, como momento segundo, uma resposta de pessoas e grupos ansiosos por uma religião do “coração”. O resultado, quase invariavelmente, tem sido o sectarismo deste grupo. Esse fenômeno marcará de forma indelével a história dos protestantismos.

Roger Bastide analisa esses “movimentos do espírito” nas religiões propondo o conceito de “sagrado selvagem” como categoria de análise.

Ele propõe que a manifestação do “sagrado selvagem” ocorre como reação a processos de profunda institucionalização das empresas religiosas, uma volta à experiência mística em estado puro. O tempo e a necessidade de continuação do movimento acabam por acarretar um novo processo de institucionalização num constante ir e vir.

O protestantismo brasileiro em seu alvorecer testemunhou um exemplo típico desse ciclo de exílio e volta do sagrado selvagem. Ele ocorreu, mais precisamente, no seio da então principal denominação protestante de missão, a Igreja Presbiteriana do Brasil. Um dos seus mais destacados convertidos, o dr. Miguel Vieira Ferreira, foi o protagonista do primeiro importante cisma ocorrido no seio desta igreja, de corte carismático e que existe ainda nos dias de hoje, a Igreja Evangélica Brasileira. O texto em tela se propõe apresentar este acontecimento e analisá-lo à luz do conceito de “sagrado selvagem” proposto por Bastide.

1. Miguel Vieira Ferreira – notas biográficas

Miguel Vieira Ferreira nasceu em 10 de dezembro de 1837, em São Luiz do Maranhão numa importante e abastada família da região.³ Obteve o diploma de física e matemática na Escola Central do Rio de Janeiro após o que, iniciou carreira no exército, tendo servido no Corpo de Engenharia e também participado da comissão responsável pela demarcação dos limites entre o Brasil e o Peru. Após deixar o exército, recebeu uma patente honorária de coronel.⁴ Com fortes convicções republicanas e liberais, Miguel Ferreira participou, junto com seu pai, o Tenente-Coronel Fernando Luiz

³ Conta-se entre seus parentes seu tio senador e membro do Supremo Tribunal, Joaquim Vieira da Silva e Souza, e seus primos senador Luis Antônio, Visconde Vieira de Souza e Gomes de Souza, o “Souzinha”, conhecido como o gênio matemático do Brasil. Cf. LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. p. 144. O pesquisador Paulo Barrera Rivera apresenta com razoável quantidade de detalhes os laços familiares do Dr. Miguel Vieira Ferreira. Cf. RIVERA, Paulo Barrera. *A Reinvenção de uma Tradição no Protestantismo Brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus*. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 78-99, setembro/novembro 2005.

⁴ Cf. VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UNB, 1980. p. 152, 153.

Ferreira, e seu irmão, Luiz Vieira Ferreira, em várias iniciativas para a propagação dos ideais republicanos, visando o fim da Monarquia.

O historiador francês Émile-Guillaume Leonard, que esteve no Brasil durante 3 anos (1948-1950) como professor de História Moderna e Contemporânea da USP, registrou em seu *O Protestantismo Brasileiro* que Miguel Ferreira era “cientista e homem de negócios, agrônomo, ideólogo e filantropo” e, continua Leonard, “conhecido por diversas publicações, pela sua atividade em prol da República, da qual foi um dos mais ardentes partidários desde 1870, pela fundação de uma espécie de universidade popular, a ‘Escola do Povo’”.⁵

Não obstante seus ideais positivistas, seu racionalismo e sua rejeição ao cristianismo durante sua juventude, como nos informa David Gueiros Vieira⁶, Miguel Ferreira e seu pai demonstraram interesse pela questão religiosa ao começarem a frequentar a capela presbiteriana do Rio de Janeiro a partir de maio de 1873, tendo sido lá recebidos pelo missionário estadunidense Alexander Blackford, então pastor daquela igreja. Blackford municiou Miguel Ferreira com livros sobre o cristianismo e, como resultado de sua acolhida, diversos membros da família Vieira Ferreira passaram a frequentar assiduamente a Igreja Presbiteriana. Ainda assim, Miguel Ferreira paralelamente, estudava o espiritismo, chegando ao Brasil em 1857, tendo, inclusive, participado de sessões espíritas.

Cerca de um ano após começar a frequentar a Igreja Presbiteriana, Miguel Vieira Ferreira teve a experiência que mudaria sua vida e introduziria no protestantismo brasileiro o elemento místico-carismático. Quem registrou este acontecimento foi o pastor Alexander Blackford. A seguir, reproduzimos trechos da carta enviada por Blackford a seu comitê americano, datada de 24 de abril de 1874. O texto da missiva, além

⁵ LÉONARD, Émile-Guillaume. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002. p. 76. Entre as diversas publicações citadas por Leonard podemos destacar artigos escritos para diversos jornais tais como, *O Artista e O Liberal*, ambos da então província do Maranhão. E também para o jornal *A República*, fundado em conjunto com companheiros da maçonaria, figuras ilustres, que nutriam igualmente ideais liberais e republicanos, dentre eles, Quintino Bocayuva, Joaquim Saldanha Marinho, Francisco Rangel Pestana, Cristiano Benedito Ottoni e Francisco Leite Bittencourt Sampaio. Cf. VIEIRA, 1980, p. 153, 154.

⁶ Cf. VIEIRA, 1980, p. 154.

de descrever a experiência carismática de Miguel Ferreira, traz informações adicionais acerca dele e de sua família.

Domingo, 5 de abril nós celebramos a Ceia do Senhor e recebemos e batizamos quatro convertidos (vindos da Igreja) de Roma... O caso de um destes quatro convertidos é particular e constitui uma manifestação pouco comum do poder direto de Deus sobre os homens. Trata-se de um homem inteligente, ativo e possuidor de uma instrução ímpar. No mês de maio ou de junho do último ano, seu pai, um homem também muito inteligente e aposentado das Forças Armadas veio assistir nosso culto: era a primeira vez que ele assistia a um ofício protestante. (...) Quando eles saíram o velho me disse: “Este discurso exprimiu a minha maneira de ver”. A partir deste momento, o pai e o filho e outras pessoas da família assistiam muito regularmente às reuniões, enquanto as crianças freqüentavam a Escola Dominical.⁷

E continua Blackford a respeito deste processo marcante:

O filho era todavia um incrédulo declarado e ensinava, aberta e em alta voz suas ideias, nas conferências públicas que ele proferia, à noite em uma escola onde era o diretor, e que publicou mais tarde. Evidentemente, ele era sincero e queria conhecer a verdade. Aceitou todos os livros que nós lhe fornecemos, em português e em espanhol sobre as evidências do cristianismo. E eu soube depois, através de seu pai que durante um certo tempo eles tinham passado longas horas, à noite, a ler, estudar e discutir a matéria: o filho não se proclamava nem se acreditava mais um puro materialista. Ele tinha ouvido falar do espiritismo e havia feito leituras sobre o mesmo. Diante do desprezo que teve por este sistema, decidi, um dia do mês de fevereiro último, tentar, por si mesmo algumas experiências. Dia 20 do mesmo mês, veio ao meu escritório em um estado extremo e doloroso de excitação mental. Disse-me que havia feito: mostrou-me uma certa

⁷ LÉONARD, Émile-Guillaume. *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988. p. 28. Na obra de Léonard temos como fonte o depoimento do pastor Alexander Blackford a respeito dos acontecimentos ocorridos na vida de Miguel Ferreira Vieira. Ao mesmo tempo, a palavra *Iluminismo* não é empregada por Léonard no sentido habitual de supremacia da razão. Aqui, ela significa simplesmente *misticismo*.

quantidade de escritos, alguns em palavras ininteligíveis, o restante em sinais, traços e garranchos que eram para mim rabiscos sem significado, os quais sua mão havia sido forçada a traçá-los por um poder invisível e irresistível. Pensava poder ler e interpretar a maior parte: a tradução que ele me deu era uma estranha mistura de verdades e das mais extravagantes insanidades que, todavia, tinham evidentemente para ele toda a força de validade. Convenci-me logo que o argumento era inútil em seu caso: assim, evitei-o.⁸

Após a descrição de como o havia conhecido e se aproximado aos poucos dele, o missionário registra, enfim, a experiência extática que marcaria a conversão de Miguel Vieira Ferreira ao protestantismo.

Dois dias mais tarde fiquei surpreso por vê-lo em seu lugar no culto de domingo. O sermão versou sobre a simpatia de Jesus. Ele ouviu com calma, mas com profunda atenção. Foi então que se produziu nele u'a manifestação muita estranha à mentalidade da comunidade. Terminado o culto, encontraram-no em seu lugar, incapaz de movimentar as mãos ou os pés e de abrir os olhos. Seu corpo não estava rígido, mas permanecera na posição na qual ele se encontrava ou em que o colocaram. Permaneceu assim aproximadamente uma meia hora e, durante esse tempo abriu os olhos apenas uma vez e por um instante somente. Entretanto, quando voltou a si sabia perfeitamente o que fora feito ou dito ao redor dele.

Suas primeiras palavras foram, entre outras: “Agora aceito a Bíblia como a Palavra de Deus, verdadeira e inspirada e Cristo como um divino Salvador e quero professar a fé nesta Igreja Presbiteriana.” Estas verdades e outras foram firmemente afirmadas por ele: todavia durante dias ele parecia plenamente persuadido que tinha visões e que recebia inspirações diretas, divinas ou espirituais e injunções proféticas.⁹

Ato contínuo, Blackford passa a uma tentativa de análise do ocorrido, não obstante ele negar que deseja fazê-lo:

Dois ou três dias após, abandonou suas experiências espíritas, como inúteis, pecaminosas e ilusórias. À véspera de seu ataque de

⁸ LÉONARD, 1988, p. 29.

⁹ LÉONARD, 1988, p. 29, 30.

domingo ele não havia dormido nada e muito pouco durante diversos dias e diversas noites antes. Estava convencido que, durante seu estado letárgico, seu espírito esteve fora de seu corpo, olhando-o, consciente de tudo o que se passava. Não pretendo, no momento, analisar os fatos e não posso nem mesmo dar uma ideia adequada. Minha impressão como testemunha ocular é a de que seu conhecimento de tudo o que se passava não provinha de seu senso corporal. Acredita que Deus amparou-se dele para lhe mostrar seus erros. Disse que, logo que a convicção da existência do poder e da onipresença de Deus tomou posse de sua alma, parecia que se esvanecia; mas quando ele viu o Cristo como um Salvador divino, sentiu-se perdoado, tudo se fez paz e o amor e a confiança encheram seu espírito.

Precisou de vários dias para encontrar a sua calma habitual, corporal e espiritual; sua família e seus amigos estavam muito preocupados com o resultado. Para mim, foi-me impossível duvidar, desde o começo que o Espírito de Deus não operasse nele. Não julguei necessário examinar, com distinções exatas até que ponto sua extraordinária experiência poderia ser efetivamente do poder divino ou proveniente da fraqueza humana, de ideias pré-concebidas de lutas da incredulidade e dos poderes espirituais hostis, resolvidos a manter seu poder sobre aquele que tinha sido outrora seu fiel aliado. Convencemo-nos de que o resultado evidente – uma calma e humilde fé em nosso Salvador – foi uma vitória da Palavra e do Espírito de Deus eis porque nós o recebemos na igreja visível de Deus. O orgulho incrédulo que não se reconhecia nenhum superior no universo, senta-se hoje em paz aos pés de Jesus.¹⁰

Para além do curioso relato dos acontecimentos daqueles dias, chama a atenção a forma algo surpresa com que Blackford faz o seu registro. Num momento ele parece sugerir, ainda que nas entrelinhas, que o êxtase do dr. Miguel era resultado de uma exaustão física, “à véspera de seu ataque de domingo ele não havia dormido nada e muito pouco durante diversos dias e diversas noites antes.” Ao mesmo tempo, reputa ao Espírito Santo a causa da experiência vivenciada pelo seu mais novo discípulo: “Convencemo-nos de que o resultado evidente – uma calma e humilde fé em nosso Salvador – foi uma vitória da Palavra e do Espírito de Deus”.

¹⁰ LÉONARD, 1988, p. 30.

2. José Manoel da Conceição – o padre protestante

Não era a primeira vez que Alexander Blackford se deparava com experiências místicas em seu ministério. Antes de Miguel Vieira Ferreira, o missionário se debatera para compreender o que se passava com seu mais dileto convertido: o ex-padre católico, José Manoel da Conceição, que viria a ser o primeiro pastor brasileiro. Vale à pena aqui uma breve descrição da história envolvendo Conceição.

Em Rio Claro, interior de São Paulo, Blackford teve o primeiro contato com o padre José Manoel da Conceição¹¹. Conceição era conhecido nas cidades do interior nas quais foi pároco como o “padre protestante”, em função de suas ideias e pregações. Erudito, o padre Conceição traduzira do alemão, a pedido dos editores protestantes do Rio de Janeiro, os irmãos Laemmert, a *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*¹² e com eles manteve contato frequente. A leitura da Bíblia em sua juventude e a relação que mantivera com protestantes ingleses e alemães que trabalhavam na fábrica de ferro de Ipanema, em Sorocaba, provocaram nele profundo impacto¹³.

Após vários encontros com o missionário americano, Elizabeth, a esposa de Blackford, convidou o padre Conceição a tornar-se protestante¹⁴. Seguiu-se um período de lutas pessoais e muito estudo. Finalmente, José Manoel da Conceição rumou, juntamente com Blackford, para o Rio de Janeiro. Numa igreja presbiteriana do Rio repleta, pregou pela primeira vez em 9 de outubro de 1864. No dia 23 do mesmo mês foi

¹¹ A importância de José Manoel da Conceição é destacada por Émile Léonard: “O homem que abriria ao protestantismo o interior do Brasil – conquistando não apenas indivíduos isolados, mas famílias extensas e sólidas – assegurando assim, seu estabelecimento, foi um padre.” LÉONARD, 2002, p. 63.

¹² Cf. MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900)*: missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 298.

¹³ Cf. FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*: em comemoração ao seu primeiro centenário. Volume I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959. p. 30-31. Cf. também RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888)*: aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973. p. 142.

¹⁴ Cf. RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979. p. 107.

batizado pelo reverendo Blackford e fez sua pública profissão de fé protestante¹⁵. O agora ex-padre José Manoel da Conceição foi ordenado em 17 de dezembro de 1865, por ocasião da formação do presbitério do Rio de Janeiro, em cerimônia ocorrida na igreja de São Paulo. Foi o primeiro brasileiro a tornar-se pastor protestante¹⁶.

Mesmo após o batismo protestante e a ordenação pastoral, Conceição cultivava um sentimento de culpa por ter sido padre, o que gerou nele uma profunda crise espiritual e existencial¹⁷. Além disso, ele não se adaptava aos métodos dos missionários americanos. Suas lutas interiores levaram-no a percorrer, na maioria das vezes a pé, as várias cidades do interior paulista nas quais atuara como padre.

Boanerges Ribeiro destaca as dificuldades de Blackford em compreender essas crises pelas quais passava Conceição. Segue um registro do missionário:

A 17 de fevereiro o Sr. Conceição chegou do Rio em estado de mente sem dúvida perturbado. No dia seguinte recebi carta de Simonton e Chamberlain, com declarações que denunciavam nêde decidida aberração moral ou mental. Tanto os fatos mencionados na carta como sua conduta em São Paulo convenceram-me de que era algo mental. Depois de muitas palestras, a 22 de fevereiro êle admitiu tudo o que eu poderia exigir quanto ao aspecto moral do caso. De então até 27 pareceu muito melhor e iniciou algumas traduções, a meu pedido. A 27 desapareceu sem deixar indicação alguma do rumo que tomava: apenas um bilhete dizendo-nos que não mais o esperássemos em casa.

A 3 de março comuniquei os fatos ao Dr. Furtado, chefe de polícia em exercício, que prometeu officiar aos delegados de toda a Província pedindo notícias dêle.¹⁸

¹⁵ Cf. MATOS, 2004, p. 299.

¹⁶ Cf. RIBEIRO, 1979, p. 138-141.

¹⁷ Cf. A respeito dessa crise, ele registrou: “Eu tinha como alimento as minhas lágrimas, a escuridão da noite como amiga e toda minha alma submersa em mar de dores. Eu tremia ao ver os homens. Vagabundo e fugitivo, eu me escondia de todos.” LÉONARD, 1988, p. 22, 23. Cf. Também RIBEIRO, 1979, p. 117.

¹⁸ RIBEIRO, 1979, p. 145.

E Ribeiro completa: “eis aí perplexo o nosso pregador”¹⁹. Ao que tudo indica, as crises de Conceição tinham a ver com um sentimento de culpa por ele achar que, ao longo dos anos de sacerdócio católico, ele havia induzido as pessoas ao erro. Mas, ao mesmo tempo, expressavam os sentimentos de um coração místico, profundamente religioso, de alguém que foi, ao longo de sua jornada espiritual, tornando-se um apóstolo a exemplo dos grandes taumaturgos medievais, tal qual um São Francisco de Assis. Boanerges Ribeiro informa que Conceição tornou-se como uma figura lendária: “cada vez que regressava a um lugar viam-no mais magro, mais mal vestido, mais disposto a curar doentes e a pregar”.²⁰ E, continua em outro trecho: “Entre o povo começava a correr de boca em boca a narrativa de milagres feitos por êle; já adquiria fama de santo e milagreiro.” Carregava em si as marcas típicas dos pregadores messiânicos, como destaca Silas Luiz de Sousa: uma pregação que proclamava uma nova era, itinerância, pobreza apostólica, taumaturgia²¹. Todas essas são características que o aproximavam do povo, das pessoas mais simples e explicam, em grande medida, seu sucesso como evangelista. Assim viveu até seus últimos dias. Acolhido pelo Major Fausto de Souza, em seu último dia de vida, foi levado a uma enfermaria para receber cuidados médicos. “Era um homem pobre e mal vestido. Velha calça de zuarte, camisa de algodãozinho, e surrado paletó de alpaca preta. Pés descalços. Ossos à flor da pele, e olhos febris”.²² Morreu na noite de natal de 1873.

Essa atmosfera que envolveu a vida de José Manoel da Conceição causou profunda perplexidade nos missionários, especialmente em Blackford. Silas de Souza encerra sua breve biografia de Conceição dizendo que “no catolicismo era o padre protestante. No protestantismo, agiu como um místico da tradição medieval e moderna, isto é, era um pastor católico.”²³ O impacto que o misticismo de Conceição causou sobre Blackford é bastante evidente. É provável que a impressionante conversão do dr. Miguel tenha trazido à mente do missionário lembranças

¹⁹ RIBEIRO, 1979, p. 146.

²⁰ RIBEIRO, 1979, p. 200.

²¹ Cf. SOUZA, Silas Luiz de. *José Manoel da Conceição: o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. p. 71-76.

²² RIBEIRO, 1979, p. 211.

²³ SOUZA, 2011, p. 78.

de sua relação com o padre protestante, especialmente, se considerarmos que essa conversão ocorreu apenas quatro meses após o falecimento de José Manoel da Conceição. A par disso, Émile Léonard afirma que “... as relações com o grande místico que era Conceição mostraram que o Rev. Blackford tinha atração pelas experiências religiosas extraordinárias, mesmo que ele não as compreendesse sempre”.²⁴

3. A Igreja Evangélica Brasileira (IEB)

Retomando a história de Miguel Vieira Ferreira, após a experiência místico-carismática durante o culto na Igreja Presbiteriana, ele tornou-se membro desta denominação, tendo sido eleito presbítero em 14 de setembro deste mesmo ano (1874) na comunidade presbiteriana de Barreira (Rio de Janeiro). A partir daí tornou-se um dos mais fervorosos propagandistas da igreja presbiteriana, assumindo a tarefa de tradução de obras protestantes, além de dedicar-se a pregações em comunidades presbiterianas no Rio, São Paulo e Minas Gerais.²⁵

A ênfase de suas pregações era seu testemunho de conversão. Segundo Léonard, Vieira Ferreira “pretendia fazer uma espécie de modelo obrigatório assegurando que não há cristão verdadeiro senão aquele que recebeu a graça de uma visão direta de Deus”.²⁶ Ou, como resumiu Themudo Lessa, “Deus fala e quer falar de viva voz aos homens”.²⁷ Este foi o motivo e ponto central na discórdia que se seguiu entre a igreja presbiteriana e o dr. Miguel. Após consultarem o *Board* americano, o presbitério assumiu sua posição oficial: Deus não fala mais diretamente aos homens, Ele o faz através das Escrituras Sagradas.²⁸ Em torno desta questão, haverá a clássica discussão que, num futuro próximo, marcará as cisões entre as chamadas igrejas históricas e as novas, pentecostais, primeiro no contexto estadunidense, depois no Brasil. A esse respeito,

²⁴ LÉONARD, 1988, p. 31. Cf. também VIEIRA, 1980, p. 155.

²⁵ Cf. LÉONARD, 2002, p. 77. Rivera destaca as qualidades de orador de Miguel Ferreira. Cf. RIVERA, 2005, p. 84.

²⁶ LÉONARD, 1988, p. 32.

²⁷ LESSA, 2010, p. 146.

²⁸ Cf. LÉONARD, 1988, p. 32.

Paulo Rivera destaca a rápida assenção do dr. Miguel na igreja presbiteriana, tornando-se, pouco tempo depois de sua conversão, pregador em várias igrejas. Por consequência, na opinião deste autor, Vieira Ferreira não teve tempo suficiente para assimilar as doutrinas presbiterianas, especialmente quanto à mediação central da Bíblia na proclamação da palavra divina.²⁹

Ora, como era de se esperar, Miguel Ferreira recusou-se a negar suas convicções religiosas, baseadas em sua própria experiência de conversão e, como se recusava a se submeter à decisão da igreja, acabou suspenso do prebiterato a 6 de fevereiro de 1879. Émile Léonard informa que ele ainda se manteve por alguns meses fiel à igreja que o acolhera. Contudo, em 11 de setembro deste mesmo ano, juntamente com 27 membros da igreja presbiteriana, ele fundou a Igreja Evangélica Brasileira (IEB), a primeira denominação de viés místico-carismático no contexto protestante brasileiro³⁰. A 29 de setembro, ele foi definitivamente cortado da comunhão da igreja presbiteriana.³¹

²⁹ Cf. RIVERA, 2005, p. 89.

³⁰ O site da Igreja Evangélica Brasileira, a esse respeito, traz a seguinte informação: “A Igreja Evangélica Brasileira, fundada na Terra por determinação de Deus, em 11 de setembro de 1879, por intermédio do Doutor Miguel Vieira Ferreira...”. Disponível em <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/historico.htm>. Acesso em 03/12/2019. Podemos também dizer que foi a primeira igreja evangélica genuinamente brasileira, isto é, fundada por brasileiros, sem a participação de missionários estrangeiros, que existe ainda hoje. É bem verdade que há pesquisas mostrando a fundação de uma igreja evangélica, também de corte carismático, anterior a Igreja Evangélica Brasileira. Trata-se da Igreja do Divino Mestre, fundada por Agostinho José Pereira, um negro letrado que liderou cerca de 300 pessoas, todas negras. Também ela uma comunidade carismática. O movimento, liderado por Agostinho Pereira, tinha um viés de luta e rebelião contra a escravidão e a opressão na qual viviam os negros e negras no Brasil. Caso interessantíssimo que merece ainda mais pesquisa e exposição. Contudo, não há indícios de existência de uma comunidade evangélica nos dias atuais que seja uma continuação histórica da Igreja do Divino Mestre. Cf. DE JESUS, Alexandre Silva. *Identidades e Representações no Brasil Império: o caso do Divino Mestre (1846)*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. UFPE, 2003. https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7807/1/arquivo7735_1.pdf; Cf. DE CARVALHO, Marcus J. M. Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848. *Tempo*, Vol. 3 – nº 6, Dezembro de 1998; Cf. DE CARVALHO, Marcus J. M. “Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores”: o ABC do Divino Mestre. *Afro-Ásia*, 31 (2004), 327-334.

³¹ Cf. LÉONARD, 1988, p. 32, 33.

Após sua morte, ocorrida em 20 de setembro de 1895, Miguel Vieira Ferreira foi substituído na liderança da igreja por seu irmão, o coronel Luis Vieira Ferreira.³² Como é comum em movimentos religiosos, após a morte do seu líder e fundador, os fiéis acabam se dividindo em disputas e facções. Não foi diferente na Igreja Evangélica Brasileira. Essas dissensões tiveram duas frentes. A primeira, envolvia um fiel afro-descendente de Miguel Ferreira. Antiescravagista que era, o dr. Miguel atraiu para sua igreja diversas pessoas negras. Um destes, Bebiano Eugênio de Castro, estando em São Paulo, enviou telegrama para a comunidade do Rio informando que havia sido consagrado pastor por uma revelação divina. Tempos depois, excluído da IEB e proibido de usar o nome da igreja, ele adotou para o seu grupo o nome de Igreja Católica Militante Triunfante.³³

A segunda, e mais grave, envolvia seus familiares e pessoas do seu círculo mais íntimo. Ocorre que o dr. Miguel tivera um filho de seu segundo casamento, recebido como fruto de uma revelação e de uma promessa de que ele seria o seu sucessor e, por isso mesmo, o chamaram Israel³⁴. Por este tempo, o menino estava com 12 anos. Ao que parece,

³² Cf. LÉONARD, 1988, p. 45. O texto de Émile Léonard, não sabemos se por erro dele ou da tradução, registra uma data errada para a morte do dr. Miguel, 1885. A data correta, apresentada aqui, consta no histórico exposto no site da IEB. Disponível em <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/historico.htm>. Acesso em 03/12/2019.

³³ Cf. LÉONARD, 1988, p. 46, 47.

³⁴ Este episódio, bastante polêmico, foi registrado por Émile Léonard. Após o rompimento com a igreja presbiteriana, o dr. Miguel, já à frente da Igreja Evangélica Brasileira, apartou-se de sua primeira esposa para contrair segunda núpcias com uma ovelha sua, de origem inglesa, D. Elizabeth Burgum. O casamento teria sido realizado em obediência a uma revelação de que deste casamento nasceria o seu filho e sucessor. Seus adversários aproveitaram da ocasião para atacarem Miguel Ferreira em seus jornais. A polêmica parece ter se estendido por mais de um ano. Cf. LÉONARD, 1988, p. 34, 35. Em seu livro *O Cristo no Júri*, o dr. Miguel faz referência a um destes ataques partidos da Igreja Católica. Ele nos conta que num texto do jornal católico *O Apóstolo* diz-se que “levantou-se um pastor protestante, aquele mesmo que viu S. Gabriel e o aconselhou que botasse para fora sua mulher e cassasse com outra (...). Cego de fanatismo, inspirado pela intolerância protestante, odiando a Igreja católica porque condena sua *vida desregrada...*”. Ao que o dr. Miguel respondeu que “O Apóstolo, falando com verdade, não poderá apresentar entre os leigos e os clérigos uma vida mais regular do que tem sido a minha desde a minha infância”. FERREIRA, Miguel Vieira. *O Cristo no Júri*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Brasileira, 1991. p. 108, 109 e nota 67.

alguns chegaram a cogitar que ele assumisse o pastorado imediatamente. Mas, prevaleceu o grupo que apoiou o coronel Luis Ferreira para a sucessão e o menino deveria ser criado por este, sendo preparado para o futuro pastorado. Já na juventude, o rapaz foi enviado para concluir seus estudos nos Estados Unidos, no famoso Instituto Bíblico *Mount-Hermon School*, fundado pelo evangelista Dwight Moody.³⁵

O pastorado de Luis Ferreira, o “Segundo Ministério” como dizem os fiéis, não ocorreu sem muitas resistências dos antigos seguidores do dr. Miguel. Luis Ferreira imprimiu suas marcas na igreja, com forte influência feminina, especialmente por parte de sua esposa, de sua segunda filha, Sarah, e da filha desta, Maria.³⁶ Fez também modificações na arquitetura do antigo projeto do templo deixado por seu irmão, o que gerou ciúmes e críticas por parte dos mais antigos.³⁷ Léonard cita uma passagem registrada pela filha Sarah em que ela destaca que a maioria dos fiéis...

submetia-se à direção de seu cajado mas estavam sempre prestes a comparar seus atos com os do primeiro ministério. Os murmúrios eram constantes... A pessoa do Dr. Luís foi constantemente combatida por um irmão ou por outro sob pretexto de que suas opiniões eram contrárias às do Dr. Miguel.³⁸

Luis Vieira Ferreira morreu em 6 de janeiro de 1908. Mais uma vez houve disputa em torno da sucessão. Os mais antigos defendiam a imediata volta do jovem Israel Ferreira, o “Filho da Promessa”. Sarah, reivindicando para si o título de primeira Filha da Igreja, proclamou que recebera por revelação a indicação do braço direito de seu pai, Viriato Stockler. Com o retorno de Israel Vieira Ferreira ao Brasil, em 26 de junho de 1908, este foi proclamado evangelista e, mais tarde, Stockler foi

³⁵ Cf. LÉONARD, 1988, p. 48; 54, 55.

³⁶ O site oficial da denominação omite estas informações e espiritualiza o processo de sucessão: “Assumi, então, a direção do Povo do Senhor, *por deliberação unânime dos irmãos*, o Dr. Luiz Vieira Ferreira, que a 9 de janeiro de 1898, foi aclamado segundo Pastor da Igreja”. Disponível em <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/historico.htm>. Acesso em 04/12/2019.

³⁷ Cf. LÉONARD, 1988, p. 50-54.

³⁸ LÉONARD, 1988, p. 54. Cf. também <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/revIsrael.htm>. Acesso em 03/12/2019.

excluído da Igreja Evangélica Brasileira. Assim, Viriato Stockler, tendo Sarah ao seu lado, comandou uma comunidade rival. A celeuma chegou aos tribunais de justiça que acabou decidindo em favor da comunidade do rev. Israel Vieira Ferreira, “reconhecido pelo Povo do senhor como eleito por Cristo, como pastor da Igreja Evangélica Brasileira.”³⁹ Com a morte dos líderes rivais, a comunidade antagonista acabou desaparecendo. Israel Ferreira pastoreou a IEB até sua morte, em 31 de janeiro de 1959. Desde essa data até os dias atuais, a liderança da denominação coube a duas pessoas, Dr. Antônio Prado (de 1959 a 1974 como moderador, e de 1974 a 1999, como pastor eleito) e Dr. Paulo Ferreira Novo (1999 até os dias atuais).⁴⁰

4. A divinização do dr. Miguel Vieira Ferreira e a construção de uma tradição

Uma das características do protestantismo é o seu caráter discursivo e institucionalizado. Sem desconsiderar as evidentes diferenças entre os vários ramos da Reforma, em geral, dada suas raízes no movimento humanista, a Reforma Protestante propôs essa religião racionalizada, discursiva e pouco mística⁴¹. No lugar de oferecer uma experiência com o sagrado, as religiões protestantes ofereciam um discurso sobre o sagrado. Daí as muitas reações internas por parte dos fiéis que, ressentidos dessa ausência da experiência mística, organizaram movimentos sectários

³⁹ LÉONARD, 1988, p. 55-57.

⁴⁰ Cf. <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/historico.htm>. Acesso em 03/12/2019. Adroaldo Almeida, em dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Maranhão em 2005, listou 26 templos da IEB naquele ano, em 10 Estados e no DF. Cf. ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *O Anjo Reificado: sentidos do carisma e do poder na Igreja Evangélica Brasileira*. Dissertação de Mestrado. UFM, 2005. p. 168, 169.

⁴¹ Insistimos que a Reforma Protestante não pode ser vista como um bloco, como se fora um único movimento. Propostas alternativas a essa religião racionalizada e discursiva na busca por uma religião da experiência pessoal e do “coração” podem ser encontradas em alguns grupos anabatistas, ainda no século XVI, no movimento pietista alemão a partir do século XVII, no metodismo inglês do século XVIII, nos grandes avivamentos ocorridos nos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX entre outros. O objetivo aqui é enfatizarmos o tipo específico de protestantismo no qual ocorreu a conversão de Miguel Vieira Ferreira.

em busca de uma relação direta, primitiva, com o sagrado. A expressão “sagrado selvagem” de Roger Bastide, aponta exatamente para essas reações dos fiéis pela busca de uma conexão imediata com aquilo que é numinoso.⁴²

Em seu famoso texto, Bastide destaca o caráter ameaçador que as experiências religiosas pessoais representam para as instituições eclesias.

Será que a crise das organizações religiosas não adviria de uma não adequação, cruelmente vivenciada, entre as exigências da experiência religiosa pessoal e os quadros institucionais nos quais quisessem moldá-la – com vistas, muitas vezes, o retirar-lhe o seu poder explosivo, **considerado perigoso para a ordem social?**⁴³ (grifo nosso).

Ainda em linhas gerais, sem descer ao nível das características distintivas dos muitos protestantismos, devemos insistir na afirmação de que o protestantismo é uma proposta de religião lógico-discursiva, ao contrário do catolicismo, essencialmente místico.⁴⁴

Vale ressaltar que a espoliação simbólica nas religiões urbanas, com a necessidade de estruturação de uma explicação racional da realidade e a construção de uma linguagem, de um discurso que interprete o real, ocasiona o distanciamento dos fiéis de seus símbolos religiosos. Ora, o protestantismo de missão no Brasil se desenvolveu como religião urbana e, acrescentando-se a isso, polêmica, dada a necessidade de se contrapor ao catolicismo, construindo seu próprio discurso, isto é, um arcabouço teológico que desse forma à sua própria identidade.⁴⁵

Notadamente, a implantação do protestantismo no Brasil reviveu a necessidade de afirmação de um discurso polêmico em seu embate com o catolicismo dominante. Assim, os missionários primavam por serviços religiosos em que o discurso era central e oferecia uma explicação lógica,

⁴² BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 251.

⁴³ BASTIDE, 2006, p. 250, 251.

⁴⁴ Cf. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. In: VVAA. *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 10.

⁴⁵ Cf. MENDONÇA, 1984, p. 11.

racional da superioridade do protestantismo sobre o catolicismo. Mendonça lembra que no protestantismo “a racionalização do mito e a abolição progressiva do rito produziram especialistas da argumentação em torno de ‘verdades’”.⁴⁶ Além disso, no protestantismo, a vida do fiel é pautada exclusivamente pela Bíblia que é sua única “regra de fé e prática”, máxima repetida em todos os rituais de batismo. A Igreja Presbiteriana do Brasil, denominação na qual ocorreu a conversão do dr. Miguel, defendia (e defende) que a revelação divina estava contida e limitada ao texto bíblico.

O caso de Miguel Vieira Ferreira e a implantação da Igreja Evangélica Brasileira podem ser analisados à luz desse caráter racionalista do protestantismo com o conseqüente “exílio do sagrado”.⁴⁷ Ao abordar a experiência de conversão do dr. Miguel, Paulo Rivera destaca esse itinerário protestante de doutrinação do neófito como processo racionalizante centrado na Bíblia.

Da conversão, experiência sempre incompreensível, extraordinária e fascinante, passava-se à educação cristã que – sem querer – se constituía em desencantadora dessa experiência. A pregação evangelizadora levava o ouvinte à crise emocional da conversão, mas logo o integrava à comunidade religiosa em que tudo se explicava racionalmente a partir da Bíblia.⁴⁸

E ele conclui afirmando que:

O protestante é resultado, assim, da catequese desencantando a conversão, o ordinário apagando ou enfraquecendo o extraordinário, o racional explicando o irracional, as ideias claras substituindo as explicações mágicas. É por isso que o protestantismo foi sempre terreno fértil para religiões reencantadoras da experiência religiosa.⁴⁹

Mas, porque esse processo de doutrinação e domesticação não surtiu efeito no dr. Miguel? Pesquisadores do tema apontam para diferentes motivos. Em primeiro lugar, como já vimos, para o fato de que sua

⁴⁶ MENDONÇA, 1984, p. 12.

⁴⁷ Cf. MENDONÇA, 1984, p. 13.

⁴⁸ RIVERA, 2005, p. 88.

⁴⁹ RIVERA, 2005, p. 88.

nomeação para presbítero (ancião) se deu em menos de cinco meses após a sua conversão, fato absolutamente incomum na IPB, mesmo para aqueles dias. Como consequência não houve tempo para que ele fosse adequadamente catequisado nos princípios presbiterianos. Rivera diz que “mais precisamente, não tinha assimilado que no protestantismo a mediação legítima é a mediação da Bíblia”.⁵⁰ Em segundo lugar, Adroaldo Almeida sugere que sua apressada nomeação se dera com o intuito de vestir nele uma espécie de camisa de força, uma forma de controle de seu discurso.⁵¹

Assim que foi ordenado começou a pregar em diversas igrejas no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Suas pregações eram quase todas centradas em sua experiência de êxtase, ficando a Bíblia em segundo plano.⁵² Nessas pregações acentuava-se sua compreensão de que sua conversão não se limitava à aceitação da Bíblia como Palavra de Deus e de Jesus Cristo como seu salvador. Ele via nela um chamado divino, uma missão a ser cumprida. “A missão seria dada por Deus, diretamente a ele, através de visões e intimações proféticas”.⁵³ As condições para o conflito e ruptura estavam postas.

Como temos visto, religiões altamente institucionalizadas tendem a criar mecanismos de controle sobre o discurso como forma de poder, criando nos fiéis a sensação de segurança, com verdades estabelecidas e conhecidas de todos. Bastide apontou para esse caráter explosivo e ameaçador que o elemento místico representa para a religião institucional.⁵⁴ Max Weber apresenta um contraste entre o sacerdote, à serviço de uma tradição constituída, e o profeta, aquele que recebe uma vocação pessoal, sendo sua autoridade resultado desta revelação ou de seu carisma.⁵⁵ Mendonça nos ajuda a entender esse processo de exílio e retorno do sagrado no seio do protestantismo. Em função de sua característica racionalista como já apontado, o cenário protestante tem sido palco de constantes movimentos de reações místicas ao longo de sua história. Os

⁵⁰ RIVERA, 2005, p. 89.

⁵¹ Cf. ALMEIDA, 2005, p. 65.

⁵² Cf. RIVERA, 2005, p. 89.

⁵³ Cf. ADROALDO, 2005, p. 64.

⁵⁴ BASTIDE, 2006, p. 251.

⁵⁵ Cf. WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora UNB, 1998. p. 303.

movimentos carismáticos que primam por revelações divinas diretas, imediatas, curas e milagres apresentam essas manifestações como o momento em que o “sagrado selvagem” se liberta das amarras da burocracia eclesiástica na qual foi aprisionado. Nesse sentido, “a volta do sagrado de seu exílio, reintroduz o religioso puro no discurso ideológico”.⁵⁶ Num segundo momento, surge a crítica à religião tradicional, expressa numa profecia que, se por um lado denuncia, por outro lado, aponta um novo caminho. Para que esse novo caminho seja trilhado, faz-se necessária a ruptura. Com o estabelecimento do novo grupo religioso, com o passar do tempo, impõe-se a necessidade de organização, momento no qual ao “sagrado selvagem” começa-se a impor regras e discursos num processo que Mendonça chama de “sacerdotalismo”.⁵⁷ Nasce uma nova tradição. Esse constante ir e vir do “sagrado selvagem” pode ser representado pelo gráfico abaixo:



Esse ciclo tem marcado a história do protestantismo. Contrastando com o papel que o místico desempenha no seio do catolicismo, Mendonça

⁵⁶ MENDONÇA, 1984, p. 13.

⁵⁷ MENDONÇA, 1984, p. 13.

afirma que neste o místico se nutre da Igreja e serve de inspiração aos fiéis. No protestantismo, ao contrário, o místico insere o elemento desestabilizador na instituição, enfraquecendo-a. Assim ele conclui: “É por isso que o misticismo protestante é a marca de sua instabilidade institucional, ao passo que o misticismo católico geralmente é o caminho de sua revitalização”.⁵⁸

Esses dois movimentos podem ser identificados na história da Igreja Evangélica Brasileira. Num primeiro momento, o “sagrado selvagem” corporificado na experiência extática de conversão do dr. Miguel, num segundo momento, a necessária “invenção de uma tradição”, conforme conceituado por Eric Hobsbawm, que dá forma e ordem a nova denominação, visto que: “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas na imposição da repetição”.⁵⁹

O 11 de setembro é celebrado pelos fiéis como a data em que o dr. Miguel fundou a IEB (1879), a “verdadeira igreja” para cumprir a obra de Deus na terra. Para essa nova igreja, foi copilado um novo texto sagrado O Novíssimo Testamento ou Testamento Eterno (NTTE), resultado da junção de textos e memórias de Miguel Vieira Ferreira e de seus dois sucessores na liderança da igreja: seu irmão Luiz Vieira Ferreira e seu filho Israel Vieira Ferreira, o “Filho da Promessa”.⁶⁰

Então, na história da IEB, para que essa nova tradição se consolide, alguns elementos são necessários: uma nova narrativa sobre o mito fundador; a exaltação do líder acima de todos os demais; um novo texto sagrado.

Primeiro, o papel que teve a Igreja Presbiteriana na vida e conversão de Ferreira é diminuído. Sua experiência extática de conversão é relacionada a passagens do livro do profeta Daniel no qual se lê que um dia Deus levantaria o Grande Príncipe Miguel. Ora, para os fiéis não há dúvida de que essa passagem é uma referência ao dr. Miguel. Naquele dia, assentado no banco daquela igreja presbiteriana, ele teria sido levado ao céu e lá recebido o chamado e a missão de fundar a verdadeira igreja na terra.

⁵⁸ MENDONÇA, 1984, p. 13.

⁵⁹ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 10.

⁶⁰ Cf. RIVERA, 2005, p. 89.

Para alguns ele tornou-se aí o continuador da obra do Espírito Santo ou até o próprio.⁶¹ A fundação da IEB foi consequência de uma ordem direta de Deus.

Em segundo lugar, décadas após a sua fundação, os fiéis da IEB passaram a se referir ao dr. Miguel como o “Grande Príncipe Miguel”, título utilizado em momentos especiais com grande solenidade. O dr. Miguel transubstanciou-se numa espécie de divindade.⁶² A par disso, Rivera afirma que: “Ferreira não é mais apenas o fundador. As gerações posteriores o tornaram o elo entre o céu e a terra, entre o mundo visível e o mundo invisível, entre o imanente e o transcendente, entre a origem e a realidade atual.”⁶³

Por último, a surpreendente produção de um novo texto sagrado, o NTTE, constituído de 12 volumes e lido nas igrejas e casas dos fiéis ao lado da Bíblia. A intenção de produzir esse texto surgiu no terceiro pastorado, de Israel Vieira Ferreira, com o intuito de se preservar uma tradição. Israel reputa ao próprio Miguel a intenção de produzir esse novo texto sagrado, tendo recebido dos céus os dons para isso.⁶⁴ Ao que tudo indica, essa preocupação em se definir um texto sagrado que estabelecesse os limites da revelação ecoavam o trauma dos primeiros meses de pastorado de Israel Ferreira, atingidos pelo cisma temporário causado por sua prima, D. Sarah.⁶⁵

Rivera ainda nos ajuda a entender o processo de “sacerdotalismo” com consequente institucionalização da IEB, fechando o ciclo do ir e vir do “sagrado selvagem”. Segundo este autor, o NTTE passou a ter papel central nas Escolas Dominicais e cultos da igreja aumentando, assim,

⁶¹ Cf. RIVERA, 2005, p. 93.

⁶² Cf. ALMEIDA, 2005, p. 89, 90.

⁶³ RIVERA, 2005, p. 90. Esse autor ainda afirma que nos cultos é comum os fiéis contarem que receberam revelações, visões ou sonhos nos quais sempre aparece o Grande Príncipe Miguel como forma de legitimação da experiência recebida. Cf. RIVERA, 2005, p. 92.

⁶⁴ Cf. RIVERA, 2005, p. 95. Rivera destaca que não há nenhum indício de que houvesse intenção do dr. Miguel em produzir esse texto. Também acentua o caráter de ineditismo de tal obra na história do protestantismo latino-americano. Por fim, esclarece que a compilação e publicação deram-se apenas no quarto pastorado, de Antonio Prado, em 1967.

⁶⁵ Cf. LÉONARD, 1988, p. 56, 57.

o caráter discursivo da mesma. Os cultos são ordeiros e abstratos, o canto controlado, as orações restritas a homens adultos e mais se parecem a discursos lógicos.⁶⁶

Weber destaca o processo de “rotinização do carisma” que ocorre quando de uma relação extracotidiana e efêmera, esta relação torna-se permanente. Neste momento, diz ele “a dominação carismática, que, por assim dizer, somente *in statu nascendi* existiu em pureza típico-ideal, tem de modificar substancialmente seu caráter: tradicionaliza-se ou racionaliza-se (legaliza-se)...”. Ato contínuo, Weber destaca que esse processo ocorre especialmente “quando desaparece a pessoa portadora do carisma e surge a questão da *sucessão*”.⁶⁷ Ainda Weber, sobre as possíveis soluções para o difícil problema da sucessão, aponta como uma das alternativas a “ideia de que o carisma seja uma qualidade do sangue e, portanto, seja inerente ao clã do portador, especialmente aos parentes mais próximos: carisma hereditário”.⁶⁸

E, mais importante ainda, qual o papel as revelações desempenham na IEB nos dias de hoje? Ora, como vimos, a revelação como princípio fundamental da verdadeira relação com Deus, está na origem das pregações de Miguel Vieira Ferreira e da inauguração da Igreja Evangélica Brasileira. Recorrendo mais uma vez a Rivera, este autor nos conta que a revelação ainda ocorre na IEB, mas de forma pouco frequente. Além do mais, quando ocorrem são sempre referências ao fundador ou ao Filho da Promessa, o pastor Israel. Portanto, “a revelação, quando acontece, está sempre a serviço da tradição já estabelecida”.⁶⁹ A produção do NTTE teve esse papel de interdito sobre qualquer revelação diferente daquelas que haviam sido dadas aos três primeiros pastores, todos da família Vieira Ferreira.

⁶⁶ Cf. RIVERA, 2005, p. 96, 97.

⁶⁷ WEBER, 1998, p. 161, 162. Poderíamos aqui também considerar a proposta de Durkheim de que entre “o mago e os indivíduos que o consultam, como entre esses próprios indivíduos, não existem laços duradouros que façam deles membros de um mesmo corpo moral (...). O mago tem clientela, não igreja (...).” DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 76. Daí a necessidade de transição da magia para a religião, se se quer passar do estágio extracotidiano e efêmero para o permanente.

⁶⁸ WEBER, 1998, p. 163.

⁶⁹ RIVERA, 2005, p. 98.

Conclusão

A experiência de conversão do dr. Miguel Vieira Ferreira e a fundação da Igreja Evangélica Brasileira é um interessante caso/objeto de análise para aqueles/as que querem se debruçar sobre as tensões inerentes às religiões que precisam lidar com a necessidade de construção de uma estrutura organizacional e, ao mesmo tempo, cultivarem aqueles aspectos mais propriamente religiosos no que possuem de sagrado, de transcendente, de místico/mágico, numa palavra, de numinoso. Em maior ou menor grau, as religiões, especialmente as urbanas precisam, em algum momento, enfrentar essa dialética.

No caso da Igreja Evangélica Brasileira, vimos que a tradição nasceu da revelação, assim como o sacerdotalismo-institucionalização sucedeu o momento místico-mágico do “sagrado selvagem”.

O “retorno do sagrado selvagem” consubstanciado na experiência extática de conversão de Miguel Vieira Ferreira e nas primeiras décadas de história da IEB, cheias de revelações e visões dão lugar, aos poucos, a uma igreja ordeira e regrada, num processo de domesticação do sagrado posto a serviço de uma tradição.

Referências

- ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *O Anjo Reificado: sentidos do carisma e do poder na Igreja Evangélica Brasileira*. Dissertação de Mestrado. UFM, 2005.
- BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DE CARVALHO, Marcus J. M. “Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores”: o ABC do Divino Mestre. *Afro-Ásia*, 31 (2004), 327-334.
- _____. Rumores e rebeliões: estratégias de resistência escrava no Recife, 1817-1848. *Tempo*, Vol. 3 – nº 6, Dezembro de 1998.
- DE JESUS, Alexandre Silva. *Identidades e Representações no Brasil Império: o caso do Divino Mestre (1846)*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. UFPE, 2003. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7807/1/arquivo7735_1.pdf>

- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil: em comemoração ao seu primeiro centenário*. Volume I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.
- FERREIRA, Miguel Vieira. *O Cristo no Júri*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Brasileira, 1991.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.). *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LÉONARD, Émile-Guillaume. *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988.
- _____. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.
- LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. A volta do sagrado selvagem: misticismo e êxtase no protestantismo do Brasil. In: VVAA. *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.
- _____. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888): aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- RIVERA, Paulo Barrera. A Reinvenção de uma Tradição no Protestantismo Brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 78-99, setembro/novembro 2005.
- SOUZA, Silas Luiz de. *José Manoel da Conceição: o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UNB, 1980.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora UNB, 1998.

< <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/revIsrael.htm> >

< <http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/historico.htm> >

Submetido em: 26/08/2020

Aceito em: 30/11/2020